

## Braços da Lancha Como Se Fez a Fé Em Deus

José Peixoto

A lancha poveira do alto é um barco de boca aberta, de quilha, roda de proa e cadaste. Arma uma grande vela de pendão de amurar à proa. Como não dispõe de patilhão, um leme alteado assegura essa função. A "Fé em Deus" foi reconstruída segundo normas e modelos tradicionais locais e representa uma das últimas lanchas poveiras a ir ao mar na década de cinquenta do século passado. "O início da construção deu-se a 27 de Fevereiro de 1991, com o levantamento da quilha no picadão e o bota abaixo, a 15 de Setembro do mesmo ano", recorda João Feiteira, construtor da lancha poveira. E acrescenta: "embora o Alberto Marta e o Silva Pereira se tivessem envolvido no projecto, Manuel Lopes foi grande mentor e impulsionador da construção da construção da embarcação".

João Feiteira nasceu na Póvoa de Varzim em 1925. Ainda criança começou a trabalhar no estaleiro na rua da Caverneira. Aos 18 anos de idade partiu para Moçambique, onde aprendeu todas as artes de construção naval: "cheguei a operário de primeira categoria a trabalhar nas lanchas. Em Lourenço Marques fui funcionário da Marinha e regressiei com a descolonização, em 1976. O Silva Pereira foi quem me deu guarida no Clube Naval, onde continuei a minha

actividade de construtor naval. Mais tarde um, companheiro das Caxinas, hoje presidente da Junta de Freguesia de Vila do Conde, sugeriu-me uma sociedade e compramos um estaleiro e criamos o Postiga e Feiteira".

Os primeiros passos para a construção da lancha poveira foram feitos de conversas com Manuel Lopes: "disse-lhe que tinha o desenho guardado na cabeça. Trabalhei em muitas lanchas e sabia fazer o trabalho de acordo com as características exigidas. Só era preciso definir as formas. Foi só passar da cabeça para o papel. Havia lanchas maiores, mas a Fé em Deus tem mais de 12 metros".

Seis meses foram o tempo suficiente para fazer renascer a lancha poveira do alto. "Primeiro escolheu-se as madeiras, grande parte da lancha é pinho bravo. No projecto de uma embarcação definia-se logo a linha de água. Depois o cavername (esqueleto da lancha), a roda de proa, a quilha e o cadaste. A roda de proa é uma peça que faz curva. O pinheiro para abate era escolhido com aquela curva, e o cadaste é à ré onde tem as ferragens do leme e um compartimento para o mestre dormir. Os camaradas dormiam nas panas, no corpo da lancha. A quilha é feita de sobreiro, porque é uma madeira que em fricção com os paus de varar, que eram de pinheiro, fica



João Feiteira

polida e escorrega. Punha-se um bocado de sebo na quilha para ao varar deslizar melhor. Varava-se as lanchas para a areia, onde ficavam no tempo do defeso". E conclui: "a lancha poveira para navegar bem e com velocidade tinha umas finuras muito delicadas. Dizia-se que tinha que ficar despolada. O pescador gostava de ver a lancha a andar bem mas com segurança. As formas tinham que ser idealizadas de acordo com esses critérios. Creio que atingimos esse objectivo na Fé em Deus".

Durante a construção da lancha poveira, João Feiteira recebeu várias visitas de Manuel Lopes. "Acompanhou sempre a construção e não queria que colocasse qualquer peça nem a fechasse sem que ele fotografasse".

A altura dos mastros tinha uma norma que por vezes era viciada pelos pescadores. "Fui muitas vezes à bouça escolher o pinheiro para o mastro, nem muito grosso nem muito fino, e com

poucos nós para não partir. Era preciso meia dúzia de homens para pegar nele. Os mastros são sempre feitos de pinheiro porque o eucalipto é muito pesado. A verga é mais fina e tem mais uns metros. Por norma, o mastro vai desde a carlinga, de cima das galeotas passa o cadaste e sai fora da popa um bocadinho, já com o leme no lugar. Por vezes os mestres punham um mastro maior para aproveitar mais o vento. Havia uma rivalidade sadia".

A dimensão da vela tem a ver com o tamanho do barco e do mastro: "diziam-se o pano e não a vela. O pano era talhado pelos pescadores. O Sarrão, que morava ao pé dos Correios, fazia os melhores panos".

Na hora do bota-abixo João Feiteira diz nunca ter tido dúvidas: "eu sabia que tudo iria correr bem. A minha cabeça não me enganou no desenho. Senti uma grande emoção porque estava a reviver um passado distante, saído das minhas mãos, regressado das minhas memórias".



# 6€

POR PESSOA

PÓVOA - AEROPORTO - PORTO

# AIRPORT SHUTTLE

<p><b>PARTIDA . PÓVOA</b> 04:00H E 08:30H PÓVOA - AEROPORTO</p> <p>04:25H E 08:55H AEROPORTO - PORTO</p>	<p><b>PARTIDA . PORTO</b> 07:30H E 19:00H PORTO - AEROPORTO</p> <p>08:00H E 19:30H AEROPORTO - PÓVOA</p>
--	--

PÓVOA | 04:00  
| 08:30

AEROPORTO

PORTO | 07:30  
| 19:30

RESERVAS ATRAVÉS:

**+351 960426692**

✉ [airportshuttle@100rumos.com](mailto:airportshuttle@100rumos.com)

**AIRPORT SHUTTLE** OPERATED BY  
100RUMOS TOURISM & EVENT SOLUTIONS  
RHAAT 62/2009 - RHAAT 32/46

## Os Prémios do Curtas



"A Story for the Moldins", do espanhol Sérgio Oksman, foi o vencedor do Grande Prémio Cidade de Vila do Conde, na 20ª edição do Curtas Festival Internacional Cinema Vila do Conde, na Competição Internacional. Na Competição Nacional, o prémio foi para o filme "Os Vivo Também Choram" de Basil da Cunha, que recebe pela segunda vez esta distinção.

Na categoria de Melhor Curta Europeia, foi distinguida a película do português João Pedro Rodrigues denominada "Manhã de Santo António". Já o prémio para o melhor Documentário foi conquistado pela portuguesa Salomé Lamas, com "A Comunidade".

O Prémio Ficção foi para a película polaca "Without Snow" de Magnus von

Horn, e o Prémio Animação coube ao filme francês "Tram", de Machaela Pavalatova. O filme "O Desespero da Laranja", do realizador francês John Banana, foi o vencedor do Curtinhas. O Prémio do Público foi para o filme "Les Enfants de la Nuit" da francesa Deruas.

Pelo Take One!, Manuel Guerra, da Escola Superior de Teatro e Cinema, obteve o primeiro prémio com o filme "Do Mundo". Há ainda a registar o melhor vídeo musical "I Fink U Frecky - Die Antwoord", de Roger Ballen.

Na cerimónia de encerramento foi exibida a curta-metragem "A Felicidade" de Jorge Silva Melo, em homenagem ao cineasta Fernando Lopes, actor nesta película, recentemente falecido.